



ECOMOTRICIDADE DO PLANTAR E DO CUIDAR: PRECEITOS TEÓRICOS E APLICAÇÕES PRÁTICAS EM CONTEXTOS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES

Tamires Cruz Santos Silva

Universidade Federal de Sergipe (UFS)
tss.cruz@academico.ufs.br

Luiza Fernanda da Silva

Universidade Federal de Sergipe (UFS)
luiza_social@hotmail.com

Valdelice Leite Barreto

Universidade Federal de Sergipe (UFS)
valleitebarreto@academico.ufs.br

Cae Rodrigues

Universidade Federal de Sergipe (UFS)
caerodrigues@academico.ufs.br

GT 1: Instrumentação e vivências em Educação Ambiental

Palavras-chave: ecopedagogia; aprendizagem experiencial; ecofenomenologia.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo apresentar dimensões conceituais e pedagógicas da “ecomotricidade do plantar e do cuidar” (EPC) focando possibilidades de educação ambiental (EA) em contextos escolares e não-escolares. O conceito mais amplo da ecomotricidade compreende um olhar (eco)fenomenológico sobre como corpos inter-agem como natureza (RODRIGUES, 2018; 2019). O conceito mais

específico da EPC compreende como tais inter-ações ocorrem a partir da práxis do plantar e do cuidar. Reconhecendo a contínua problemática do distanciamento entre teoria e prática (PAYNE et al., 2018) e do abstratismo teórico nos estudos de EA (PAYNE, 2020), assim como as consequências dessa problemática como limitação para o desenvolvimento da EA como práxis (RODRIGUES et al., 2020), apresentaremos dois exemplos empíricos de projetos em desenvolvimento no estado de Sergipe com base na EPC.

Nesse sentido, o texto segue a seguinte estrutura de apresentação: (a) Introdução, na qual apresentamos os objetivos do trabalho e a estrutura do texto; (b) A seção “Preceitos teóricos e pedagógicos da EPC”, na qual apresentamos elementos de uma dissertação de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA), programa interdisciplinar e em rede, para melhor conceituar a perspectiva específica da EPC; (c) A seção “Elos da caatinga: semeando a EPC em contextos não-escolares”, na qual apresentamos elementos de uma pesquisa em andamento como tese de doutorado, também no PRODEMA, como exemplo das possibilidades não-escolares da EPC; (d) A seção “EPC em contextos escolares: esperando a práxis ecológica”, na qual apresentamos elementos de projeto desenvolvido no município sergipano de Nossa Senhora da Glória como exemplo das possibilidades escolares da EPC; (e) Considerações, na qual resumimos o apresentado e projetamos possibilidades futuras.

Citações com mais de 3 linhas, deslocadas 4 cm para a direita, Fonte TNR 11, espaçamento 1,0. Citações com mais de 3 linhas, deslocadas 4 cm para a direita, Fonte TNR 11, espaçamento 1,0. Citações com mais de 3 linhas, deslocadas 4 cm para a direita, Fonte TNR 11, espaçamento 1,0. Citações com mais de 3 linhas, deslocadas 4 cm para a direita, Fonte TNR 11, espaçamento 1,0. Citações com mais de 3 linhas, deslocadas 4 cm para a direita, Fonte TNR 11, espaçamento 1,0.

PRECEITOS TEÓRICOS E PEDAGÓGICOS DA EPC

A EPC surge a partir da inserção de perspectivas ecológicas (triáde estética-ética-política - PAYNE et al., 2018) e potencialmente ecopedagógicas a práticas agroalimentares (plantio, colheita, comercialização e consumo). O princípio perpassa pela ideia de que atores que vivenciam práticas agroalimentares permeadas pelos princípios da EPC incorporem, por vias (soma)estéticas, valores da ética ecológica que

se manifestem como ações ecológicas. Este processo perpassa pela construção afetiva com aquilo que plantamos, incluindo o olhar sobre as relações socioculturais-históricas daquilo que comemos. Nesse sentido, as plantas e os alimentos podem se tornar atores ativos em processos (eco)pedagógicos assumindo o papel de “professores” não-humanos (CARVALHO et al., 2020), uma relação com grande potencial para a desconstrução da visão cosmológica antropocêntrica que é comumente tida como elemento altamente limitador em processos de EA.

Trata-se, assim, de uma forma de educação que perpassa pela criação de significados ecológicos (ecosomaestéticos-ambientalmente éticos-ecológicos) a partir de movimentos em inter-ação com natureza (RODRIGUES, 2018; 2019). Ao envolver o não-humano como ator ativo, a EPC inclui a construção de afetividades para além do humano. A necessidade desta (re)orientação ecocêntrica em processos de EA que desafie a centralidade do ser humano nas relações com a natureza vem ganhando força, especialmente, a partir de correntes (eco)fenomenológicas com foco na práxis ecológica (RODRIGUES et al., 2020; CARVALHO et al., 2020), inclusive em contextos escolares (RODRIGUES, 2018).

Deste modo, a EPC traz a possibilidade de delinear-se como via de cumprimento mais afetivo do que consta no marco legal para inserção da EA nas diversas esferas da ação humana. Assim, pode se tornar perspectiva promissora no sentido de trabalhar formas de educação que, para além de utilidades políticas, sociais e econômicas, estimulem uma relação de ludicidade e afetividade com a natureza, que considere uma forma de ensinar-aprender que supere concepções obsoletas de ensino e aprendizado como mero processo mental-cerebral, arcabouço oferecido pela conceitualização mais ampla de ecomotricidade como prática ecológica. A EPC é assim apresentada neste trabalho como alternativa à baixa representação de estudos com objetivos direcionados à práxis ecológica em contextos escolares e não-escolares, objetivando minimizar os impactos ambientais das futuras gerações.

Para tanto, pretendemos construir, avaliar e aplicar modelos de projetos ecológicos que tragam a perspectiva do estímulo ao desenvolvimento da afetividade do ser humano com a natureza. A construção de hortas e jardins pode ser entrelaçada com práticas tradicionais agroecológicas e outras abordagens que componham as ações humanas e não-humanas de forma horizontal, conectadas com novos materialismos e cosmovisões indígenas, que respeite diversidades culturais, que “considerem o movimento imanente de

humanos-e-não-humanos-sendo-com-a-natureza, em oposição a uma visão antropocêntrica de ‘conexão à natureza’” (RODRIGUES, 2019, p. 9). A partir daí, pode-se criar maneiras de transformar os projetos em processos, em construção de conhecimento a partir da práxis (pesquisa + plantar/cuidar) que envolvam toda a comunidade escolar e não-escolar pela ação do professor-pesquisador.

Com o intuito de facilitar o entendimento de como seria a aplicação prática da principiologia da EPC, trazemos dois exemplos, um em contexto escolar e outro em contexto não-escolar, de como essa perspectiva ecocêntrica pode adaptar-se a novas possibilidades de práxis ambientalmente orientada.

ELOS DA CAATINGA: SEMEANDO A EPC EM CONTEXTOS NÃO-ESCOLARES

As Unidades de Conservação (UC) são áreas protegidas criadas pelo poder público com objetivos específicos. Contudo, independente da categoria ou regime de proteção, é uma unanimidade entre elas o objetivo de realização de programas não-formais de EA. No Monumento Natural (MONA) Grota do Angico, localizado no estado de Sergipe, o projeto Elos da Caatinga vem desenvolvendo a perspectiva da construção de um viveiro escola como um espaço para produção de mudas nativas que serão usadas em projetos de recuperação ambiental da caatinga, bioma ameaçado pela conversão indiscriminada da vegetação nativa em culturas agrícolas (FERNANDES et al., 2015). Para este propósito, o projeto está capacitando moradores para a coleta de sementes no interior da unidade e para produção de mudas, duas atividades ligadas diretamente com o sentido da ECP.

A perspectiva do estudo “Elos da caatinga: semeando a EPC em contextos não-escolares” representa uma oportunidade de pesquisa voltada para observação fenomenológica da interação do movimento no interior da mata para coleta das sementes e, posteriormente, para a produção de mudas. A pesquisa observa, assim, ações de com-vivência e de estar-com entre os atores humanos (moradores participantes do projeto) e não-humanos (plantas) do projeto nos movimentos de coleta de sementes, plantio e cuidar das mudas. Entre os objetivos propostos está a participação dos moradores envolvidos no projeto na recuperação ambiental da UC a partir do plantar de mudas, ampliando a percepção do plantar e do cuidar.

A pesquisa tem o método fenômeno situado como abordagem para realização e análise de entrevistas, “indo a coisa mesma” para conhecer o fenômeno a partir de quem o vivencia (RODRIGUES et al., 2010). Além das entrevistas, são realizadas incursões para a observação direta do fenômeno, sendo as percepções anotadas em diários de campo que serão posteriormente analisados seguindo os princípios do método fenômeno situado. O objetivo da análise é a construção de categorias que nos ajudam a compreender as relações entre processos de plantar e de cuidar e a incorporação de valores ecológicos (possibilidades, limitações, pontos silenciosos), possivelmente justificando a formulação de abordagens (eco)pedagógicas a partir dos preceitos da EPC.

EPC EM CONTEXTOS ESCOLARES: ESPERANÇANDO A PRÁXIS ECOLÓGICA

O projeto “EPC: Uma abordagem prática e interativa na Escola Estadual Prof. Evangelina Azevedo” é executado na região do Alto Sertão Sergipano, na cidade de Nossa Senhora da Glória – SE. Tem como objetivo principal a construção de uma experiência (eco)pedagógica coletiva no âmbito da EPC em contextos escolares. A escolha desta unidade de ensino se deu por atender ao público do ensino fundamental menor em ambos os horários. Além disso, a escola tem parte do seu espaço físico bastante ocioso. Sendo assim, o local foi propício para a implantação e aplicação do projeto, possibilitando uma vivência de motricidade escolar a partir do plantar, do cuidar e do colher.

Trabalhar a ecomotricidade na escola é promover de modo dinâmico, criativo e educativo maneiras de “se ver, estar e existir no mundo, enquanto natureza” (RODRIGUES; JÚNIOR, 2009, p. 993). Por meio do plantio, cuidado e cultivo de grãos, plantas e frutíferas típicas da região, o projeto propõe um conjunto de vivências nas quais o aluno se sente pertencente em todas as etapas do processo, se reconhecendo holisticamente na experiência, despertando o prazer pelo plantio, pelo cuidado e pelo consumo de alimentos pelos quais tem afeto.

O desenvolvimento do projeto é alicerçado nas seguintes etapas: (a) planejamento do projeto, estudo da unidade escolar e perfil dos alunos; (b) realização de encontros com a equipe escolar para apresentação do projeto, esclarecimento de dúvidas

e para enfatizar a importância do trabalho interdisciplinar pensando em um espaço pedagógico de vivências, conscientização e construção coletiva de saberes; (c) encontros com os pais dos alunos para apresentação do projeto e orientações sobre a participação deles na preparação do espaço para receber o projeto; a participação contínua e ativa dos pais é fundamental para potencializar a experiência como ação generativa, com maior possibilidade de ações complementares serem realizadas fora dos muros da escola; (d) seleção de grãos, hortaliças e frutas que serão plantados na escola a partir do estudo colaborativo sobre as que são típicas e adaptadas à região, pensado também na construção de possíveis conteúdos a serem vivenciados a partir do projeto; (e) momentos com os alunos, apresentando o projeto; explicando todas as etapas de participação deles no projeto e promovendo dinâmicas de construção coletiva de conhecimento sobre o plantar e o cuidar; (f) criação de cronograma de plantio, formação de grupos, direcionamento de responsabilidades de cuidado e colheita por turma; (g) limitação da horta por turma; (h) acompanhamento contínuo do projeto; (i) aplicação de métodos para coleta de dados e construção de resultados do projeto; (j) apresentação dos resultados para todos os atores envolvidos.

O projeto se constitui como ação de caráter prático, objetivando a formação de equipes pedagógicas, estudos compartilhados da localidade e promoção de vivências de plantio, cuidado e colheita com os atores envolvidos no contexto escolar. Envolve ainda vivências com etapas de pesquisa, almejando um olhar amplo sobre a pesquisa em si como possibilidade ecopedagógica, contexto já antecipado nas perspectivas da ecomotricidade (RODRIGUES 2018; 2019). Sobretudo, almeja a construção afetiva de vivências pedagógicas em prol da conservação ambiental a partir de processos de aprendizagem experiencial e significativa.

CONSIDERAÇÕES

O projeto de desenvolvimento da EPC inclui suas dimensões conceituais, metodológicas e ecopedagógicas. Para tanto, faz-se necessário um agrupamento de pesquisas que objetivem a identificação de evidências sobre as possibilidades e limitações da EPC como teoria de sustentação e como framework para pesquisas e para dinâmicas pedagógicas com foco na potencial incorporação de valores ecológicos a partir da práxis em experiências com a natureza. Mais especificamente, experiências de plantar e de cuidar construídas a partir de processos nos quais seres humanos e não-humanos

dialoguem como atores da ação pedagógica. Este trabalho visa dar um passo nesta direção, colocando em evidência aspectos conceituais da EPC na perspectiva da educação (ambiental) com o aporte de pesquisas e projetos em desenvolvimento como exemplos empíricos de caminhos possíveis.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq pelo fornecimento de bolsas de iniciação científica, mestrado e doutorado que possibilitaram a execução de nossas pesquisas.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto; GONZAGA, Francisco Abraão. Learning from a more-than-human perspective. Plant as teachers. **The Journal of Environmental Education**, v.51, n.2, p.144-155, 2020. DOI: 10.1080/00958964.2020.1726266

FERNANDES, M. R. M; MATRICARDI, E. A. T; ALMEIDA, A. Q.; FERNANDES, M. M. Mudança do uso e da cobertura da terra na região semiárida de Sergipe. **Floresta e Ambiente**, v. 22, n. 4, p. 472-482, 2015.

PAYNE, P. “Amnesia of the moment” in environmental education. **The Journal of Environmental Education**, v. 51, n. 2, p. 113–143, 2020.

PAYNE, P. et al. Affectivity in environmental education research. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 13 (Especial), p. 93-114, 2018.

RODRIGUES, C. A ecomotricidade na apreensão da natureza: inter-ação como experiência lúdica e ecológica. **Desenvolvimento e Meio Ambiente, Seção especial: Técnica e Ambiente**, v. 51, p. 8-23, 2019. DOI: 10.5380/dma.v51i0.63007.

RODRIGUES, C. MovementScapes as ecomotricity in ecopedagogy. **The Journal of Environmental Education**, v.49, n.2, p. 88-102, 2018. DOI: 10.1080/00958964.2017.1417222

RODRIGUES, C., PAYNE, P., LE GRANGE, L., CARVALHO, I. C. M., STEIL, C. A., LOTZ-SISITKA, H., & LINDE-LOUBSER, H. Introduction: “New” theory, “post” North-South representations, praxis. **The Journal of Environmental Education**, v. 51, n. 2, p. 97–112, 2020.

RODRIGUES, C.; LEMOS, F. R. M.; GONÇALVES JUNIOR, L. Teorias do lazer: contribuições da fenomenologia. In: PIMENTEL, G. G. A. **Teorias do lazer**. Maringá: Eduem, 2010.